

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL E JORNALISMO**

**Caminhos da oportunidade: a cobertura do recorde emigratório no Brasil e o leitor  
como parte da produção jornalística**

Paths of opportunity: coverage of emigratory record in Brazil and the reader as part of  
journalistic production

Adriane Cristhine Nascimento Silva

São Paulo

2022

---

Adriane Cristhine Nascimento Silva é graduanda em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu. Participou do Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão, do Instituto Vladimir Herzog, quando cobriu os impactos da pandemia na preparação de estudantes para o ENEM 2020. E-mail: [adrianecns@gmail.com](mailto:adrianecns@gmail.com)

ADRIANE CRISTHINE NASCIMENTO SILVA

**Caminhos da oportunidade: a cobertura do recorde emigratório no Brasil e o leitor  
como parte da produção jornalística**

Paths of opportunity: coverage of emigratory record in Brazil and the reader as part of  
journalistic production

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado  
ao término do curso de Comunicação Social e  
Jornalismo, da Universidade São Judas Tadeu, como  
requisito parcial para obtenção do título de bacharel  
em Jornalismo.

Área de Concentração: Comunicação Social e  
Jornalismo

Orientador: Prof. Me. Moacir Assunção

São Paulo

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, que, desde cedo, me deram apoio, referências e a certeza de que a graduação era fundamental. À minha avó, que sempre se empolgou com a possibilidade de ter uma neta jornalista e ao meu avô, que também teria adorado essa ideia. Ao meu namorado, que sempre me incentivou e acompanhou todas as adversidades - muitas vezes oferecendo grandes soluções. À minha madrinha, que me fez escolher o curso que eu realmente gostaria de fazer.

Aos meus professores da Universidade São Judas, que fizeram com que eu amasse o curso. Ao professor Moacir Assunção, que leu e releu este texto várias vezes e contribuiu muito para que ele tomasse forma. À professora Maira Mariano, que deu a minha primeira aula da faculdade e despertou grande inspiração. À professora Patrícia Paixão, quem sempre compartilhou amor pela profissão em todas as frases de sua aula. À todos aqueles que, de alguma forma, incentivaram essa formação.

“Nenhuma violação dos direitos humanos mais básicos se sustenta por tanto tempo sem a nossa omissão (...)”

- Daniela Arbex

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como as tendências de emigração, motivadas pelo contexto social e econômico dos últimos anos, são noticiadas pela mídia, tendo como objeto de estudo duas reportagens: a primeira da Gazeta do Povo, escrita pela jornalista Giovanna Tortato em janeiro de 2020; e outra veiculada em dezembro de 2021 pela revista Você S/A., da Editora Abril, publicada por Bruno Carbinatto e editado por Alexandre Versignassi. Esta teve informações atualizadas em janeiro de 2022. Assim, além de discutir como a mídia cobre o crescimento emigratório no Brasil, o estudo, por intermédio de análise qualitativa simples e referencial teórico fundado por levantamentos, dados e pesquisas de várias organizações, analisa a atuação do leitor como parte importante da construção do jornalismo, contribuindo com seu olhar, experiências e vivências dentro de um grupo social na fase de interpretação dos artigos jornalísticos.

**Palavras-chave:** emigração; recorde emigratório; brasileiros; trabalhar no exterior

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to analyze how emigration trends, motivated by the social and economic context of recent years, are reported by the media, having as object of study two reports: the first from Gazeta do Povo, written by journalist Giovanna Tortato in January 2020; and another published in December 2021 by the magazine Você S/A., by Editora Abril, published by Bruno Carbinatto and edited by Alexandre Versignassi. This had updated information in January 2022. Thus, in addition to discussing how the media covers emigration growth in Brazil, the study, through a simple qualitative analysis and a theoretical framework based on surveys, data and research from various organizations, analyzes the performance of the reader as an important part of the construction of journalism, contributing with their look, experiences and experiences within a social group in the phase of interpretation of journalistic articles.

Keywords: emigration; emigration record; brazilians; work abroad

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2017, foram emitidas 21 mil declarações de saída definitiva do Brasil de acordo com dados da Receita Federal. Desde essa época, o número de brasileiros que deixaram o país e não voltaram cresceu muito nos últimos anos. Entre 2018 e 2020, a comunidade brasileira no exterior aumentou, oficialmente, em 625 mil pessoas, segundo dados do Itamaraty. Atualmente, estima-se que há mais de 4,2 milhões de brasileiros morando em outros países, ou seja, emigrantes (quando o referencial é o local de origem). O Ministério das Relações Exteriores diz que os destinos mais comuns para brasileiros são os Estados Unidos, Portugal, Paraguai, Reino Unido e Japão.

Essa tendência é resultado de uma onda de desânimo e de insatisfação em relação a pautas como economia, emprego, segurança e educação. Uma pesquisa feita pela empresa JBJ Partners, especializada em expatriação, levantou os principais motivos que fazem os brasileiros deixarem o país. São eles: violência ou falta de segurança, instabilidade política ou corrupção e baixa qualidade de vida. Esses motivos também refletem nos mais jovens. Em 2019, 47% das pessoas entre 15 e 29 anos afirmaram para a FGV Social que desejavam ir embora do Brasil. Já em 2022, a pesquisa *Branding Brasil - o valor que o país gera* apontou que 55% dos jovens entre 16 e 20 anos deixariam o país se pudessem.

De um lado, o Brasil carrega uma percepção negativa: economia, política e políticos, corrupção, desigualdades e desafios estruturais. Do outro, surgem associações mais positivas sobre os brasileiros: diversidade cultural, potencial e atributos de personalidade marcantes. Os jovens possuem uma visão muito mais pessimista e desvinculada do Brasil do que a população mais velha. Para os mais velhos, o Brasil ainda é a pátria amada. Para os jovens, a relação com o Brasil é de amor e raiva. (COUTO, 2022, Pg. 9)<sup>1</sup>

Com o atual cenário econômico e social, o Brasil contribui para que profissionais qualificados se interessem pelo mercado estrangeiro e, portanto, apliquem seus talentos em outros países. O estudo *2021 Global Talent Competitiveness Index* - feito pelo *Insead, Portulans e Accenture* - elencou o Brasil na 75ª posição do ranking de competitividade global de talentos entre os 134 países avaliados. As melhores posições são ocupadas por: Suíça,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.anacouto.com.br/brandingbrasil/>

Singapura, Estados Unidos, Dinamarca e Suécia. Os últimos lugares ficam com Chade, Iémen, República Democrática do Congo, Angola e Moçambique.

[...] O Brasil tem uma clara força no crescimento de talentos, onde o treinamento nas empresas e o uso das mídias sociais contribuem para o aprendizado ao longo da vida e para o acesso a oportunidades de crescimento, respectivamente. O seu nível de sustentabilidade é um fator que contribui para a capacidade do país de reter talento, cujo desempenho é, no entanto, prejudicado pelo impacto negativo da segurança pessoal no estilo de vida. (INSEAD, 2021, Pg. 33)<sup>2</sup>

Para além dos dados, é comum observar pelas redes sociais o crescimento do número de brasileiros que decidem se aventurar no exterior. Vários perfis em redes como Instagram e TikTok acompanham a rotina de pessoas trabalhando fora do país. Alguns são movidos pela oportunidade de crescer e construir carreira; outros abraçam a flexibilidade e trabalham em empregos fora da área de formação. Muitas vezes, naqueles que norte-americanos e europeus formados não querem ocupar, mas que permitem aos brasileiros uma qualidade de vida melhor do que no Brasil.

Diante desse cenário, o objetivo deste artigo é analisar como a grande mídia cobre o recorde migratório no Brasil em um contexto em que a quantidade de brasileiros vivendo no exterior é maior do que a população do Uruguai, segundo o Ministério das Relações Exteriores. Além disso, se faz necessário compreender o impacto do noticiário e das próprias percepções do leitor como ferramentas fundamentais na interpretação dos produtos jornalísticos.

Para isso, teremos como objeto de estudo duas reportagens: a primeira intitulada *Perfil dos brasileiros que deixam o país mudou, mas razões para a saída seguem as mesmas*, de autoria da jornalista Giovanna Tortato e publicada pela Gazeta do Povo; a segunda, escrita pelo jornalista Bruno Carinatto, foi veiculada na revista Você SA., da Editora Abril e tem como título *Fuga da mão de obra: debandada de brasileiros para o exterior atinge recorde*. A metodologia da Análise Qualitativa Simples guiará a discussão, embasada pela teoria Empírica de Campo, ou de Efeitos limitados - como também é conhecida. A tese de Paul Lazarsfeld, estudada por Mauro Wolf no livro *Teorias da Comunicação - mass media: contextos e paradigmas*, de 1987, defende que a mídia de massa é responsável por apenas uma parte da

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.insead.edu/sites/default/files/assets/dept/fr/gtci/GTCI-2021-Report.pdf>

influência sobre as pessoas. As relações e fatores sociais vigentes em um determinado período definirão como essas informações serão absorvidas. Em 1987, Wolf escreveu:

[...] Esta teoria fala de influência e não apenas da que é exercida pelos mass media, mas da influência mais geral que perpassa nas relações comunitárias e de que a influência das comunicações de massa é só uma componente, uma parte. (WOLF, 1999, p. 18)

O trabalho discutirá, organizado em parágrafos, temas como o contexto econômico, o poder de compra no Brasil e no mundo, a busca pela oportunidade, a fuga de cérebros no Brasil e quais são as consequências dessa emigração a longo prazo.

Por fim, discutiremos como o recorde de emigrantes brasileiros vivendo no exterior impacta economicamente o país. Além de analisar, com uma nova perspectiva, o protagonismo do leitor como parte integrante das produções jornalísticas.

## **2 A ECONOMIA DENTRO DE CASA**

Após grandes oscilações, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro se recupera a passos lentos. Em 2018, o PIB era de 7 trilhões de reais. Já no final de 2021, o valor chegou a R\$ 8,7 trilhões. Apesar de representar um aumento abaixo do esperado, nos últimos quatro trimestres, o PIB acumulou um crescimento de 2,6% até o segundo trimestre de 2022. Contudo, se o PIB avançou, por que a população atingiu a maior pobreza em 10 anos? Para responder à questão, é preciso entender o que é o PIB.

Segundo o IBGE, o Produto Interno Bruto de um país representa “a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por ele no período de um ano”. Isto é, o PIB é calculado com base no preço do momento em que os produtos feitos chegam ao consumidor, somado a partir de todos os valores investidos na cadeia de produção.

Por exemplo, se o consumidor paga R\$ 500 em um sapato, são esses R\$ 500 que serão contabilizados na soma do Produto Interno Bruto. Isso acontece porque se entende que, mesmo que fabricantes diferentes tenham tido gastos e lucros divergentes para a produção e comercialização do sapato, os R\$ 500 englobam toda a relação de investimentos e lucros envolvidos naquele bem. Esse exemplo, por outro lado, deixa de fora os impostos cobrados pelo

governo na venda desses produtos. No cálculo real do PIB, essas taxas são somadas ao valor final pago pelo consumidor.

Isso significa que, de maneira literal, ao invés de ser a soma das riquezas de um país, o PIB representa o fluxo de novos bens e serviços finais produzidos nacionalmente. Conhecer esse conceito nos ajuda a desmistificar o estigma de que o valor do Produto Interno Bruto é um tesouro guardado em cofres nacionais e a entender que, na realidade, é um dinheiro que continua em movimento, não necessariamente em uma distribuição igualitária e justa.

Para fazer esse cálculo, vários índices e dados são analisados. Entre eles estão: o Índice de Preços ao Produtor Amplo, da FGV; o Balanço de Pagamentos, do Banco Central; a Pesquisa Industrial Anual; a Pesquisa de Orçamento Familiar; entre muitos outros.

Logo, se o PIB não representa verdadeiramente a riqueza de um país e da sua população, outros aspectos protagonizam esses índices. Um deles é a concentração de renda, por exemplo. De acordo com dados do IBGE, o 1% mais rico da população ganha 38,4 vezes mais do que os 50% mais pobres no Brasil. Em 2021, o rendimento dos brasileiros atingiu seu menor valor em dez anos, considerando a renda recebida por auxílios do governo e de aluguéis de imóveis.

No primeiro trimestre de 2022, a renda média dos brasileiros caiu 8,7% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Este foi o quarto trimestre seguido que esse índice apresentou queda.

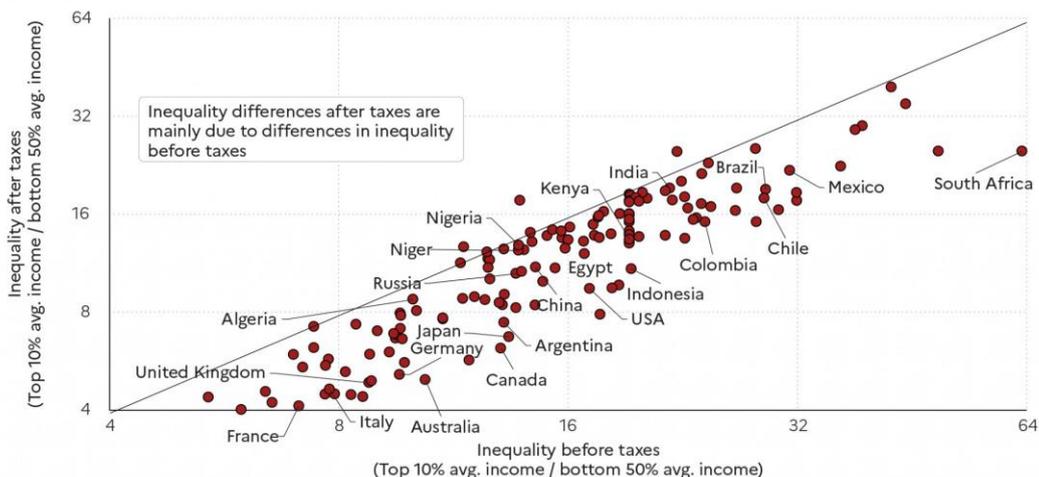
No segundo trimestre de 2022, o IBGE calcula que havia mais de 10,1 milhões de brasileiros desempregados. Em agosto deste ano, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) constatou que 40% dos trabalhadores brasileiros estavam no mercado informal. Parte deles, desempregados que abrem o MEI (registro de Microempreendedor Individual) em busca de conseguirem alguma renda.

O relatório das desigualdades mundiais, estudo feito pelo *World Inequality Lab* (Laboratório das Desigualdades Mundiais), que integra a Escola de Economia de Paris, levantou que no Brasil, os 10% mais ricos concentram 59% da renda total. O relatório evidencia ainda que a desigualdade brasileira é pior do que a média mundial, em que os 10% mais ricos detêm

52% da renda. Isso faz com que o Brasil esteja entre os países mais desiguais do mundo, próximo ao México e à África do Sul. O gráfico<sup>3</sup> abaixo ajuda a entender essa questão:

Gráfico 1- Inequality before and after taxes 2018-2021: Top 10/Bottom 50 income gap

**Figure 1.10** Inequality before and after taxes 2018-2021: Top 10/Bottom 50 income gap



**Interpretation:** Before taxes, the bottom 50% in South Africa earns 63 times less than the top 10%, whereas after taxes, the bottom 50% earns 24 times less than the top 10%. Income is measured after pension and unemployment payments and benefits received by individuals but before other taxes they pay and transfers they receive. Data for 2018-2021. **Sources and series:** wir2022.wid.world/methodology

Fonte: <https://wir2022.wid.world/chapter-1/> (2022)

A inflação também é um agravante significativo quando o assunto é consumo e qualidade de vida. Se por um lado, o PIB representa a soma dos bens e serviços, a inflação indica o aumento de preços dos bens e serviços. Ela está ligada diretamente à diminuição do poder de compra da moeda, o que significa que com a inflação em alta, o dinheiro vale menos.

O Banco Central do Brasil classifica a inflação como prejudicial ao crescimento econômico do país e gerador de grandes incertezas na economia, capaz de desestimular o investimento.

[...] Os preços relativos ficam distorcidos, gerando várias ineficiências na economia. As pessoas e as firmas perdem noção dos preços relativos e, assim, fica difícil avaliar se algo está barato ou caro. A inflação afeta particularmente as camadas menos favorecidas da população.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://wir2022.wid.world/chapter-1/>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/oqueinflacao>

De acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a variação do custo de vida da maior parte da população, a inflação subiu de 3,75% em 2018 para 11,30% em março de 2022. Com isso, o real se desvalorizou em 31,32% desde 2017.

O salário mínimo no país, por outro lado, não acompanhou o aumento. Desde 2011, o reajuste considera o PIB e o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que avalia a variação média do custo de vida de famílias que ganham entre 1 e 5 salários mínimos. A soma destes fatores resulta em uma regra: quanto menor a inflação, maior o salário mínimo.

Com a inflação nas alturas, a realidade é que o salário mínimo brasileiro tem experimentado ajustes baixos em comparação com os que aconteceram entre 2005 e 2012<sup>5</sup>, quando a variação ficava entre 0,37% e 13,04% - a depender do ano. Nos últimos cinco anos, o salário mínimo subiu de R\$ 954,00 para R\$ 1.212,00.

Os números por si só já não agradam à população brasileira. No entanto, a realidade fica ainda pior quando a comparamos com o que seria o cenário ideal. De acordo com um cálculo<sup>6</sup> do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), o salário mínimo capaz de atender as necessidades de uma família média, de 4 pessoas, seria de R\$ 6.388,55. Cinco vezes maior do que o valor praticado atualmente no Brasil.

### **3 O BRASIL E OUTROS PAÍSES**

De uma população com 212,6 milhões de habitantes, 33,8% dos trabalhadores possuem renda mensal de até um salário mínimo, de acordo com uma pesquisa da LCA Consultores, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Com a pandemia da Covid-19, o rendimento médio *per capita* dos brasileiros apresentou o menor valor já registrado: R\$ 1.353,00.

---

<sup>5</sup> Confira o gráfico organizado pelo G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/12/31/salario-minimo-veja-historico-dos-ultimos-reajustes.ghtml>

<sup>6</sup> Confira o levantamento do salário mínimo ideal, mês a mês, via Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>

Em junho de 2022, só o valor da cesta básica aumentou em nove das 17 capitais brasileiras onde o Dieese faz o levantamento. Em São Paulo, capital que registrou a maior alta, o salário mínimo não é o suficiente nem para comprar duas cestas básicas.

São Paulo foi a capital onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R\$ 777,01), seguida por Florianópolis (R\$ 760,41), Porto Alegre (R\$ 754,19) e Rio de Janeiro (R\$ 733,14). Nas cidades do Norte e Nordeste, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram registrados em Aracaju (R\$ 549,91), Salvador (R\$ 580,82) e João Pessoa (R\$ 586,73). (DIEESE, 2022, Pg. 1)<sup>7</sup>

Uma pesquisa que reuniu dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e *World Bank* sobre a remuneração dos trabalhadores no mundo destacou a Austrália como o país que ostenta o maior salário mínimo ao redor do globo, pagando US\$ 12,9 (dólares) por hora, o país fica à frente de Luxemburgo, França, Alemanha e Nova Zelândia.

Em contraposto, os piores salários mínimos são pagos pelo México, Brasil, Rússia, Colômbia e Eslováquia, respectivamente. Vale considerar que, no estudo, todos os valores foram ajustados ao dólar e pela paridade de poder de compra, para fins de comparação.

Entretanto, antes de continuar esta análise, é importante entender como o poder de compra se reflete no dia a dia do indivíduo e impacta no bolso. Uma coluna do E-investidor, do jornal O Estado de S. Paulo, escrita por Marco Saravalle, sócio-fundador da BM&C e Sara Invest, diz que:

O poder de compra não se limita apenas à comparação de valores nominais, ou seja, preço escrito na etiqueta: ele é a capacidade de adquirir bens e serviços com determinada unidade monetária, sempre levando em conta o efeito da inflação presente nos dois valores de períodos distintos. (SARAVELLE, 2022)<sup>8</sup>

De maneira geral, o poder de compra apresenta um significado bem literal: ele mede o quanto se pode comprar com uma quantidade de dinheiro, em uma determinada moeda. É levada em consideração também a variação da inflação e, por isso, é possível fazer comparações que simulam melhor a realidade do consumidor.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2022/202206cestabasica.pdf>

<sup>8</sup> Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/colunas/marco-saravalle/poder-compra-inflacao-desigualdade-social>

Um exemplo em que se levantou uma discussão sobre o poder de compra foi o episódio em que o presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) foi a Londres para o funeral da Rainha Elizabeth II, em setembro de 2022.

Na ocasião, ele fez um vídeo<sup>9</sup> dizendo que o preço da gasolina em Londres, quando convertida de libras esterlinas para o real, era “quase o dobro” do que no Brasil. A comparação foi considerada errônea por vários especialistas. Isso porque a conversão direta não considera o real impacto dos preços, dados os salários mínimos nos países em questão. Nesse caso, Brasil e Reino Unido.

Segundo o economista Paulo Duarte, em entrevista<sup>10</sup> concedida ao Jornal O Estado de Minas, para fazer uma comparação correta, é necessário analisar o salário mínimo e o preço da gasolina do país. É preciso, então, entender se a gasolina ocupa uma parcela percentual maior ou menor do salário mínimo do Reino Unido, quando comparado com o percentual do Brasil. Esse cálculo, portanto, leva em consideração a paridade de poder de compra, a qual foi citada mais acima.

Além disso, o portal Poder360 levantou que o salário mínimo no Reino Unido, para uma jornada com 40 horas trabalhadas, é de £ 1.520.00 (o que equivale a R\$ 9.819,20 reais). Logo, o percentual que corresponde ao valor gasto por ingleses para abastecer é menor do que o que precisaria ser gasto no Brasil.

O preço médio da gasolina no Brasil, segundo a Petrobras, é de R\$ 4,97 por litro. Isso corresponde a 0,41% do salário mínimo. No caso da Inglaterra, usando o preço mostrado por Bolsonaro para o litro do combustível, o valor é 0,11% do salário mínimo. (DUARTE, 2022)<sup>11</sup>

Esta situação exemplifica um pouco a disparidade entre o poder de compra no Brasil e no Reino Unido, um dos principais destinos de brasileiros que deixam o país.

---

<sup>9</sup> Confira o vídeo em que Jair Bolsonaro compara os preços da gasolina no portal do Poder360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ck1ErEVvtLw>

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2022/09/20/internas\\_economia,1395676/comparacao-de-preco-da-gasolina-e-simplista-dizem-especialistas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2022/09/20/internas_economia,1395676/comparacao-de-preco-da-gasolina-e-simplista-dizem-especialistas.shtml)

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/em-londres-bolsonaro-vai-a-posto-e-compara-preco-de-gasolina/>

Quem integra a parcela da população que vive da carteira assinada ou do trabalho autônomo enfrenta uma realidade dura: desde 2017, com o aumento da inflação, o real perdeu cerca de 31,32% do poder de compra. É o que mostra o infográfico montado pelo G1, montado em 29/04/2022:

Figura 1 - Quanto valiam R\$ 50?



Fonte: G1 (2022)

Com a desvalorização do poder de compra, a qualidade de vida também diminuiu. De acordo com uma pesquisa feita pela empresa JBJ Partners, especializada em expatriação, esse é um dos principais motivos pelos quais brasileiros decidem mudar de país para trabalhar.

Essa relação entre o poder de compra e a qualidade de vida é grande. Isto porque, conforme o Índice de Perda de Qualidade de Vida do IBGE, além de moradia, acesso aos serviços de utilidade pública, saúde, educação, transporte e lazer, os novos indicadores analisados para ampliar a percepção real da qualidade de vida dos brasileiros engloba também a renda.

No ranking do índice de desenvolvimento humano, publicado no relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o Brasil aparece na 87ª posição, ainda dentro da lista de países com desenvolvimento elevado. Apenas 115 países estão dentro desta classificação.

As nações indicadas pelo Ministério das Relações Exteriores como os principais destinos dos brasileiros estão acima da posição ocupada pelo Brasil neste mesmo índice, exceto pelo Paraguai. O país ocupa a posição 105ª, 18 lugares abaixo do Brasil. O Reino Unido, no entanto, está na 18ª posição, seguido pelo Japão, 19ª da lista. Os Estados Unidos são o 21º do ranking e Portugal está em 38º lugar.

Apesar de ainda constar na lista dos países com alto desenvolvimento, na versão de 2020 do mesmo relatório, o Brasil havia caído cinco posições no ranking, ficando na 79ª posição entre 189 países. Neste ano, a queda acentuou-se. Em 2021, a agência de notícias do IBGE noticiou que “a perda de qualidade de vida entre aqueles com menor renda foi mais de quatro vezes superior à dos mais ricos.”

Essa desigualdade inviabiliza também os direitos sociais garantidos pela Constituição Brasileira de 1988. No Art 6º, a Emenda Constitucional nº 90, de 2015, diz que:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.  
(CONGRESSO NACIONAL DO BRASIL, 2015, Pg. 55)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

A realidade, no entanto, é excludente. Esse ano, uma pesquisa feita pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (PENSSAN) apontou que mais da metade da população brasileira, o equivalente a 58,7%, convive com a insegurança alimentar em algum grau. Segundo a publicação, esse aumento representa cerca de “7,2% desde 2020, e 60% em comparação a 2018.”

As dívidas também aumentaram. 40% dos brasileiros adultos estavam com o nome sujo em setembro, de acordo com um levantamento feito pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). A maioria dos endividados têm idade entre 30 e 39 anos.

No ano passado, uma pesquisa feita pelo portal de serviços financeiros Foregon mostrava que os endividados no Brasil estavam até mesmo nas classes mais favorecidas. Isso porque a inflação e as consequências da pandemia atingiram o país como um todo. Um levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) destaca que entre março de 2021 e 2022, cerca de 90% das profissões no Brasil sentiram queda no poder de compra do salário. Esse cenário, além de acentuar ainda mais as desigualdades, leva ao enfraquecimento do mercado de trabalho no Brasil.

Em 2020, a consultoria IDados levantou que 40% dos jovens com ensino superior não tinham emprego qualificado. Apesar disso, pessoas com formação acadêmica passaram pela pandemia com melhores colocações e impactos menores. No cenário geral, 70% dos formados estavam trabalhando no ano passado. A pandemia, no entanto, impactou mais os recém-formados. 64% das pessoas que pegaram seus diplomas entre 2019 e 2021 não haviam conseguido um primeiro emprego ainda.

Tal cenário elevou ainda mais o número de trabalhadores autônomos. Em 2019, os formados que trabalhavam por conta própria representavam 9,5% do total de autônomos sem registro. Em 2021, eles chegavam a 11%.

#### **4 ANÁLISES DAS REPORTAGENS**

É em meio a esse cenário que, entre 2018 e 2020, a comunidade brasileira no exterior aumentou em 625 mil pessoas, de acordo com registros oficiais do Itamaraty. Essa movimentação continua nos dias atuais e é, naturalmente, retratada pela mídia em artigos jornalísticos dos mais diversos formatos.

#### **4. 1 REPORTAGEM 1**

“*Perfil dos brasileiros que deixam o país mudou, mas razões para a saída seguem as mesmas*”<sup>13</sup> é uma reportagem publicada em janeiro de 2020, escrita pela jornalista Giovanna Tortato para a Gazeta do Povo, considerado o maior jornal do estado do Paraná, com sede em Curitiba. A Gazeta do Povo pertence ao Grupo Paranaense de Comunicação, a GRPCOM. A grande reportagem começa com uma contextualização do assunto geral. Em dois pequenos parágrafos, Tortato fala sobre o aumento recente de emigrantes brasileiros e explica quem emigrava há alguns anos e quem emigra agora, observando a mudança no perfil desse grupo.

Logo em seguida, o texto caminha para outro tópico. Entretanto, antes, há um podcast (produção em áudio que pode - ou não - ser jornalística) anexado na página com o título: *Quem são os brasileiros que estão deixando o Brasil*. O material é produzido pela equipe da Gazeta do Povo e apresentado pelo jornalista Márcio Miranda. Giovana Tortato também participa da produção como comentarista.

Em reportagens de TV, esse material que apresenta um aprofundamento ou continuidade de um assunto tratado em outra matéria é chamado de suíte. Quando transmitidos em edições diferentes de jornais, por exemplo, a conexão pode acabar passando despercebida por telespectadores, caso ela não seja apontada pelo âncora. Neste caso, a reportagem de Giovanna Tortato usa o recurso de maneira muito perspicaz. Além de demonstrar conhecimento e interesse pelas produções de outros colegas, ela ainda economiza tempo em não ter que explicar um aprofundamento que já foi feito e pode partir para outros tópicos sem deixar o leitor na mão.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/migracao-brasil-ricos-perfil/>

Conduzindo o público a entender mais sobre os principais aspectos, os próximos parágrafos apresentam dados sobre a motivação da emigração. Além de fontes de pesquisas, personagens também começam a ser introduzidos no texto.

Aproximadamente na metade do artigo, temos outro podcast anexado, intitulado como “*Violência no Brasil: onde investir para combater o crime*”. A equipe responsável é formada também pelos jornalistas da Gazeta do Povo e o material é apresentado por Márcio Miranda. Aqui, o uso do áudio ainda pode servir como um respiro para quem quer se aprofundar no assunto, mas não é acostumado a ler um grande texto de maneira contínua. Essa pausa foi usada de forma muito estratégica para incentivar o leitor a continuar o consumo do material.

De maneira geral, o artigo jornalístico de Giovanna Tortato dá um contexto muito completo sobre as motivações dos brasileiros que decidem emigrar, as formas de emigração definitiva e as dificuldades que o Brasil enfrenta para quantificar os brasileiros que vivem no exterior. As histórias das fontes personagens também contribuíram muito para o entendimento do leitor e cada um pôde exemplificar um pouco as motivações apresentadas pela pesquisa da empresa JBJ Partners, especializada em expatriação. A escolha das fontes reforça a pesquisa e dá um tom de coerência que amarra todo o texto. A reportagem informa sem ser rígida e a escrita é simples, objetiva e acessível.

Apesar disso, observa-se que falta o uso de fontes mais especialistas por parte da jornalista, para além das pesquisas. Alguém que trabalha ou pesquisa o fenômeno da emigração poderia contribuir com percepções complementares do cenário. Ainda assim, o texto consegue ser esclarecedor e os personagens conduzem a narrativa.

Outro fator que poderia ter contribuído para a sincronia do artigo é ter dado outro foco ou complementado o título com a fonte da conclusão. Isso porque no primeiro suíte (o podcast “*Quem são os brasileiros que estão deixando o Brasil*”) é levantada a questão da dificuldade que as organizações enfrentam em tentar qualificar e estudar o gênero, as formações familiares, condições econômicas e grau de escolaridade desse grupo, para além das declarações de saídas definitivas emitidas junto à Receita Federal. Isto é, é quase impossível rastrear essas informações da grande maioria das pessoas que saíram para trabalhar em outros países e que

não afirmaram que estavam deixando o Brasil para sempre. A informação do título leva em consideração apenas os dados retirados destas declarações, mas isso não fica claro no artigo.

Apesar de ser um recurso que não costuma ser explorado em publicações do site da *Gazeta do Povo*, ter uma linha fina<sup>14</sup> também poderia ajudar a solucionar essa questão. Porém, como a informação é mostrada ao leitor logo nos dois primeiros parágrafos, o ruído tende a não durar.

A imagem escolhida para representar a reportagem tem pontos fortes. Como o jornal é sediado em Curitiba e a maior parte dos personagens entrevistados saíram do Paraná para viver em outros países, faz sentido que a foto seja do aeroporto Afonso Pena, de Curitiba.

Figura 2 - Passageiro no Aeroporto Afonso Pena, em Curitiba.



Fonte: Albari Rosa / *Gazeta do Povo* (2020)

Por outro lado, também seria interessante retratar a informação de que, além de mestres e doutores, “casais e famílias completas formam a maior parte desse êxodo do Brasil”.

---

<sup>14</sup> No jornalismo, a linha fina é um texto complementar ao título, logo abaixo deste. Ele é escrito com letras menores e usado para ampliar as informações primárias da notícia.

Como não é possível medir o grau de escolaridade do homem na imagem - apesar da roupa formal ser um possível signo -, usar uma foto de uma família com malas maiores poderia contribuir na absorção e no link da informação.

## 4. 2. REPORTAGEM 2

Outro artigo, escrito por Bruno Carbinatto, editado por Alexandre Versignassi e publicado pela página online da revista Você S/A, da Editora Abril, foi intitulado como “*Fuga da mão de obra: debandada de brasileiros para o exterior atinge recorde*”<sup>15</sup>.

Essa reportagem faz parte de uma edição especial da revista chamada “BYE-BYE BRASIL”, sendo o “BYE-BYE”, equivalente a “tchau-tchau” em português. Essa edição, de número 283 e publicada em dezembro de 2021, reuniu matérias jornalísticas que abordam outras angulações do processo de migração, tanto de pessoas, como de empresas e investimentos.

A matéria de Carbinatto começa com um parágrafo que explica o título, comparando os dados sobre a população jovem no país e indicando a tendência de diminuição no número de pessoas entre 15 e 29 anos no Brasil.

A linha fina é aproveitada para descrever, rapidamente, toda a narrativa do produto jornalístico. Ela traduz, de um jeito simples, a afirmação de que a “debandada de brasileiros no exterior atinge recorde” ao mesmo tempo em que contextualiza mais uma vez sobre os assuntos que a reportagem falará. É possível perceber que, além disso, a linha fina já dá prévios indícios das consequências e dos fatos que o leitor irá encontrar.

A reportagem é muito objetiva ao apresentar, logo no início, a visão de especialistas sobre as consequências que o Brasil pode enfrentar perdendo sua população mais jovem. Carbinatto explica que é em momentos com uma grande população jovem ativa economicamente que “os países têm suas melhores oportunidades para crescer”.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/sociedade/fuga-da-mao-de-obra-debandada-de-brasileiros-para-o-externo-atinge-recorde/>

A reportagem continua explicando o porquê dessa diminuição da população nesta faixa etária ser uma realidade (considerando dados do envelhecimento da população) e quais são os fatores que podem estar contribuindo com o desejo migratório dos jovens brasileiros.

As fontes e personagens são organizados de maneira sutil no texto e contribuem para o avanço da narrativa. Carbinatto consegue abraçar várias perspectivas do tema com um certo equilíbrio entre pincelar alguns assuntos e se aprofundar em outros. O texto é objetivo, possui frases curtas, boas quebras de parágrafos e conta com uma linguagem comum, que aproxima o leitor e torna o texto mais acessível.

A reportagem conta com algumas interpretações de dados que ajudam o leitor a entender as informações mas que, simultaneamente, indicam uma certa personalidade no material.

Ao decorrer do artigo, os gráficos agem como auxiliares para deixar alguns dados e comparações mais visuais. Essa é uma ferramenta usada de maneira muito estratégica para que o leitor possa dar atenção às informações importantes para o contexto. O fato dos gráficos serem simples facilita o entendimento sem demandar muito tempo, colaborando com o leitor.

Figura 2 - Representação de jovem



Fonte: Felipe Mayerle (2021)

Outro ponto a ser destacado é a ilustração da reportagem. Ao falar sobre a tendência de pessoas entre 15 e 29 anos que estão deixando o país, as cores, as formas e o conceito da figura humanoide passar pela porta com um globo nos dedos traduz a expectativa dos jovens e o anseio ao escolherem se aventurar para além das fronteiras brasileiras.

Cada forma abre espaço para interpretação e pode ser considerada um símbolo do sonho e da esperança que envolve algumas situações e casos da emigração. Tanto para os gráficos, quanto para a imagem, vale salientar a importância de ter um designer e um ilustrador envolvidos na produção de um material jornalístico. Neste caso, Caroline Aranha e Felipe Mayerle. A experiência desses profissionais também impactam o texto e contribuem para a experiência do leitor.

No geral, as duas reportagens - de Giovanna Tortato e de Bruno Carbinatto - cumprem sua função de informar e apresentar análises aos leitores sobre o aumento da emigração brasileira e a fuga de cérebros. Cada uma delas explora o assunto e suas ramificações de forma divergente e contabiliza pontos altos diferentes.

O artigo de Tortato, por exemplo, conta com fotos dos personagens, o que ajuda a dar veracidade e um pouco mais de credibilidade para os depoimentos. Por outro lado, o material de Carbinatto tem gráficos que exemplificam a narrativa da reportagem e tornam a produção muito mais visual.

Para além dos méritos dos repórteres, foi possível notar a importância da inclusão. Um recurso de áudio do site da Gazeta do Povo permite que a pessoa que queira consumir o material escute a reportagem. Essa funcionalidade contribui e amplia o acesso à informação de pessoas cegas ou com dificuldades visuais.

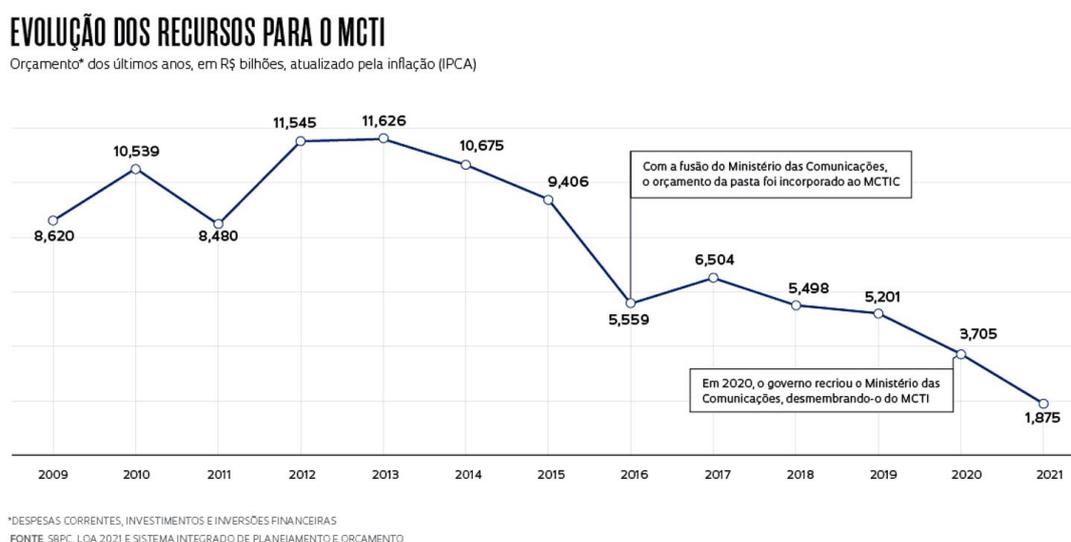
## **5 A FUGA DE CÉREBROS COMO CONSEQUÊNCIA**

Ao falar em emigração e analisar as reportagens de Tortato e de Carbinatto, é quase impossível não parar para pensar nas consequências a longo prazo que o Brasil pode enfrentar. Perdendo sua população jovem para outros países, o Brasil corre o risco de caminhar em direção aos problemas que outras nações, como Portugal, estão enfrentando na contemporaneidade.

Com uma população envelhecida, o Estado português precisa de imigrantes ativos e em idade de trabalho.

É importante destacar que as motivações apresentadas pela JBJ Partners para explicar o fenômeno dos brasileiros estarem, cada vez mais, se mudando para o exterior podem não ser as únicas. O episódio “*Fuga de cérebros: o que o Brasil perde quando cientistas deixam o país*” do podcast Entre-Vozes da CNN Brasil, apresentado por Luciana Barreto, discute sobre como a queda nos investimentos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) reflete na crescente diáspora de cientistas brasileiros. O jornal USP, da Universidade de São Paulo, consolidou os dados em um gráfico que compara os investimentos entre 2009 e 2021:

Gráfico 3: Evolução dos Recursos para o MCTI



Fonte: Jornal USP

Em entrevista para o G1, veículo online do Grupo Globo, Son Pedro Brites, professor de Relações Internacionais da FGV (Faculdade Getúlio Vargas), diz que essa tendência é inédita e que "a pior perda para o Brasil é justamente interna, na questão doméstica, o fato de estar perdendo uma população economicamente ativa, talentosa e que poderia estar contribuindo para o desenvolvimento nacional".

Além de perder jovens, ao não priorizar seus investimentos na educação, tecnologia, ciência e inovação, o Brasil também perde sua mão de obra qualificada e a oportunidade de formar profissionais valiosos para a sua própria economia. Sem bolsas e incentivos, o país

desencoraja as novas pessoas que desejam entrar para o meio da pesquisa, ao mesmo tempo em que entrega profissionais experientes para outros países que oferecem investimento.

Especialistas afirmam que as formações sanduíches e/ou internacionais não são o problema. Muito pelo contrário. O programa Ciências Sem Fronteiras, responsável por financiar o estudo de jovens brasileiros no exterior, terminava com o retorno desses profissionais ao Brasil e foi uma das políticas de movimentação acadêmica que mais possuíram o caráter de construção da ciência nacional. Encerrado oficialmente em 2017, o término do programa ainda levanta discussões até hoje.

As consequências para um Brasil que perde profissionais qualificados, porém, vai muito além da não criação de um mercado valorizado e de oportunidades individuais de carreira. O país fica para trás, também, em momentos de emergências globais como a da Covid-19, em que enfrentou problemas com pesquisa e fabricação de vacinas.

O desempenho do país em educação mostra uma fragilidade até nos níveis básicos. Um levantamento do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) diz que apenas 5% dos alunos da rede pública se formam no ensino médio com conhecimentos adequados em matemática.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O LEITOR COMO LÍDER DE OPINIÃO**

Ao final da leitura dos artigos jornalísticos, um exercício muito interessante para fazer é tentar imaginar o impacto que os artigos tiveram na percepção de cada leitor sobre o seu futuro e suas oportunidades vivendo no Brasil. Um recurso do site da Gazeta do Povo ajuda a entender um pouco sobre como algumas pessoas se sentiram após ler o texto de Tortato.

Além do espaço de comentários, a página conta com uma ferramenta que funciona como um “registro de emoções”. Ali, leitores podem compartilhar, com poucos cliques, o que sentiram ao consumir aquela reportagem.

Figura 4: Ferramenta mostra impressões fornecidas por leitores



Fonte: Gazeta do Povo (2020)

A conclusão é simples: a maioria das pessoas se sentiram tristes. Apesar de ser possível entender o porquê - a reportagem e seus complementos falam sobre as consequências e problemáticas do assunto - o conteúdo não tem, necessariamente, um tom melancólico. Tanto o texto, quanto os personagens - de ambos os materiais - falam sobre motivações, experiências e avaliam o contexto de forma lógica.

Mas então, por que as pessoas se sentiram tristes ao ler o artigo jornalístico? A resposta pode vir de uma reflexão posterior. A teoria Empírica de Campo - ou dos Efeitos Limitados - afirma que “[...] a mídia tem influência limitada na sociedade por ser apenas parte da vida social.”

Na ideia defendida por essa teoria, a mensagem disseminada pela mídia passa por filtros sociais como a família, religião, política, grupo sociocultural e econômico, entre outros. A percepção humana diante de um conteúdo, portanto, é absorvida, não só pelo o quê o material prega, mas também pelos conhecimentos prévios do indivíduo e pelas suas relações, pessoas próximas e ídolos que também carregam a responsabilidade da influência.

A eficácia dos mass media só é susceptível de ser analisada no contexto social em que funcionam. Mais ainda do que do conteúdo que difundem, a sua influência depende das características do sistema social que os rodeia. Os efeitos provocados pelos meios de comunicação de massa dependem das forças sociais que predominam num

determinado período [...] observa-se que o grau máximo de interesse e de conhecimentos é revelado por certos indivíduos «muito envolvidos e interessados no tema e dotados de maiores conhecimentos sobre ele. Chamar-lhes-emos líderes de opinião. (WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação - mass media e paradigmas. (Lazarsfeld - Berelson - Gaudet, 1944, p. 49)

Ao viver em um contexto social e econômico como o de 2020 e dos anos seguintes, momento de grande instabilidade - nacional e internacional - na saúde, economia, informação e emprego, é esperado que a desesperança seja um sentimento em comum.

No caso dos leitores desta reportagem, não é possível saber a idade das pessoas que compartilharam seus sentimentos. Contudo, informações como as da pesquisa “Branding Brasil - o valor que o país gera” são interessantes para entendermos que a relação de raiva com o país é muito comum entre os mais jovens. Todas essas percepções e ferramentas sociais contribuem em parte para que, ao ler reportagens como essas, as pessoas tenham a sensação de que a felicidade e a estabilidade podem não estar no lugar em que elas moram. Neste caso, o Brasil.

O artigo jornalístico, entretanto, não age como um ditador de ideias e responsável pela visão pessimista do Brasil que tem se espalhado nos últimos anos. Ele é um produto que parte desse contexto, construído em cima das desestabilidades nacionais e escrito por profissionais que vivem essa realidade. Reportagens que abordam essa temática podem estar desassociadas da criação da tendência de êxodo porque o contexto independe delas.

Milhares de pessoas, todos os dias, convivem com o fato de que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, de acordo com o *World Inequality Lab* (Laboratório das Desigualdades Mundiais), da Escola de Economia de Paris. Existem ainda, questões políticas e negligências públicas que aumentam o abismo entre a população brasileira e uma condição de vida para além da sobrevivência.

Desde o momento em que são sustentados pelas grandes empresas inseridas no atual sistema econômico e social, os meios de comunicação de massa contribuem para a manutenção desse sistema [...]; o impulso para o conformismo exercido pelos meios de comunicação de massa deriva não só de tudo o que neles é dito mas, mais ainda, de tudo o que não dizem. De facto, não só continuam a apoiar o status quo como também, e na mesma medida, deixam de levantar as questões essenciais quanto à estrutura social [...] Os meios de comunicação comercializados ignoram os objectivos sociais quando esses objectivos se chocam com o lucro económico [...] Ao ignorar

sistematicamente os aspectos controversos da sociedade, a pressão econômica incita ao conformismo (LAZARFELD; MERTON, 1948, p.86 apud WOLF, 1999).

Alguns dados analisados pela pesquisa *Branding* Brasil concluíram que, na opinião popular, viver no país é algo que deixa as pessoas tristes, mas que as brasilidades - ligadas à cultura e ao Brasil como uma marca - é responsável pela felicidade das pessoas. Essa análise pode explicar um pouco sobre como os brasileiros conseguem distinguir e desassociar as instabilidades econômicas e políticas das torcidas e comemorações pela Copa do Mundo, por exemplo, que acontece no Catar, este ano de 2022. São esses os fatores que amarram a percepção do leitor e que ajudam a construir, junto à ação da mídia, uma conclusão individual. Essa conclusão, porém, é muito coletiva e cada amarra é costurada pela maneira de encarar as relações, realidades e vivências presenciadas em cada grupo social.

É possível afirmar, porém, que os artigos produzidos pela mídia interpretam um papel de evidenciar e estimular comparações críticas entre as realidades. A disposição das informações e a construção do conteúdo são motivadas pelas relações e escolhas dos profissionais e do veículo em que a publicação acontece. Neste caso, consideradas pela teoria do *Newsmaking*, que aborda, com mais afinco, os impactos dos processos de trabalho e de produção dos jornalistas dentro das organizações.

Para além das direções tomadas dentro da redação, a partir de uma publicação, o leitor é livre para refletir, com suas próprias lentes e filtros, e tirar conclusões. É importante considerar também que, na era do consumo de informação em massa (intensificado pela rotina de disseminação de informação pelas redes sociais e veículos online), o público, nem sempre, toma para si o poder de julgar o material lido e fazer a interpretação. Isso quando o acesso acontece de forma igualitária para todos.

Não é possível deixar de mencionar que a desesperança é mais prejudicial para as classes menos favorecidas economicamente. Isso porque, em um país onde a fome ainda assola mais de 33 milhões de brasileiros, mudar de país ou ainda de continente é uma movimentação irreal para a grande parte da população. Para aqueles que ficam, por escolha ou não, a luta diária é a de buscar fontes, interpretar, filtrar e refletir sobre o quê e como se consome. Só assim, poderemos direcionar nossas manifestações sociais e políticas em busca de como construir um futuro no território nacional.

As decisões e o processo de escolha da pauta, apuração, entrevistas, escrita e edição não são deixados de lado pela teoria Empírica de Campo. O que acontece é que as experiências dos profissionais envolvidos na produção da reportagem são somadas às experiências dos próprios leitores, responsáveis por reverberar aquele conteúdo.

Concluimos, portanto, que o leitor é parte ativa no processo de construção da reportagem. Suas experiências e percepções tornam-se materiais importantes para a interpretação do material jornalístico e o leitor se transforma também em um tipo de líder de opinião. Isto é, o artigo jornalístico não está fechado e intocável ao final da edição ou até mesmo na publicação. Sua construção ainda acontece todos os dias, sendo continuada pelos tijolos de interpretações que cada leitor dá a cada parágrafo. A reportagem é viva e as palavras e imagens usadas para construir a narrativa do material jornalístico dependem também das visões de mundo de quem o lê.

## **7 REFERÊNCIAS**

ALVARENGA, Darlan. MATOS, Thaís. TITO, Fábio. Renda em queda e vida no aperto: os ‘corres’ dos brasileiros que não ganham nem 1 salário mínimo. G1, abril. 2022. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/04/19/renda-em-queda-e-vida-no-aperto-os-corres-dos-brasileiros-que-nao-ganham-nem-1-salario-minimo.ghtml> Acesso em: 20/11/2022.

ANSA, Conteúdo. Brasil cai 5 posições em ranking mundial de qualidade de vida. UOL, dez, 2020. Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2020/12/15/brasil-cai-5-posicoes-em-ranking-mundial-de-qualidade-de-vida.htm>. Acesso em 10/10/2022.

BARRETO, Luciana. Como a ‘fuga de cérebros’ afeta perspectivas para o futuro da ciência no Brasil. CNN Brasil, jan. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/podcast-entre-vozes-como-a-fuga-de-cerebros-afeta-perspectivas-para-o-futuro-da-ciencia-no-brasil/>. Último acesso em: 28/11/2022.

BERGAMASCHI, Julia. ROLIM, Cassiano. Em busca de melhor qualidade de vida, brasileiros trocam o interior de SP por outros países: ‘Oportunidades e segurança’. G1, mar. 2022. Notícias. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2022/03/20/em-busca-de-melhor-qualidade-de-vida-brasileiros-trocaram-o-interior-de-sp-por-outros-paises-oportunidades-e-seguranca.ghtml>. Acesso em: 16/11/2022.

BUONO, Renata. GORZIZA, Amanda. Quantidade de brasileiros vivendo no exterior é maior que a população do Uruguai. Revista Piauí, jan. 2022. Igualdades. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quantidade-de-brasileiros-vivendo-no-exterior-e-maior-que-populacao-do-uruguai/>. Acesso em: 09/11/2022.

CARBINATTO, Bruno. Fuga da mão de obra: debandada de brasileiros para o exterior atinge recorde. VOCÊ S/A, jan. 2022. Sociedade. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/sociedade/fuga-da-mao-de-obra-debandada-de-brasileiros-para-o-exterior-atinge-recorde/>. Acesso em: 15/09/2022.

CARRANÇA, Thais. Brasileiros no exterior enviam recorde de dinheiro ao país. BBC Brasil, nov. 2021. Notícias. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59424641>. Acesso em: 12/10/2022.

CARRANÇA, Thais. Desigualdade no Brasil caiu no início do ano, mas todos ficaram mais pobres, diz Ipea. BBC Brasil, jun. 2022. Notícias. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61766475#:~:text=Em%20m%C3%A9dia%2C%20a%20renda%20habitual,da%20renda%20na%20compara%C3%A7%C3%A3o%20anual>. Acesso em: 12/10/2022.

CONGRESSO NACIONAL DO BRASIL. Constituição Federal de 1988. Vade Mecum. Edição especial FMU. Editora Revista dos Tribunais, 2016.

COSTA, Mariana. Comparação de preço da gasolina é ‘simplista’, dizem especialistas. Estado de Minas, set. 2022. Economia. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2022/09/20/internas\\_economia,1395676/comparacao-de-preco-da-gasolina-e-simplista-dizem-especialistas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2022/09/20/internas_economia,1395676/comparacao-de-preco-da-gasolina-e-simplista-dizem-especialistas.shtml) Acesso em: 15/11/2022.

COUTO, Ana. Branding Brasil - o valor que o país gera. Agência Ana Couto, 2021. Disponível em: <https://www.anacouto.com.br/brandingbrasil/>. Acesso em: 20/09/2022.

CUNHA, Marcella. Quatro em cada dez famílias têm o nome sujo, aponta pesquisa do SPC. Rádio Senado, out. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/10/24/quatro-em-cada-dez-familias-tem-o-nome-sujo-aponta-pesquisa-do-spc>. Acesso em 05/10/2022.

DIEESE. Custo da Cesta Básica aumentou em nove capitais. Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, jul. 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2022/202206cestabasica.pdf> Acesso em: 05/10/2022.

DIEESE. Pesquisa nacional da Cesta Básica de Alimentos. Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Acesso em set. 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: 20/10/2022.

ESCOBAR, herton. dados mostram que ciência brasileira é resiliente, mas está no limite. Jornal da USP, jun. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/dados-mostram-que-ciencia-brasileira-e-resiliente-mas-esta-no-limite/>. Acesso em: 16/11/2022.

ESTADÃO, Conteúdo. IBGE apresenta novos indicadores sobre qualidade de vida no país. UOL, nov. 2021. Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/11/26/ibge-apresenta-novos-indicadores-sobre-qualidade-de-vida-no-pais.htm> Acesso em 10/10/2022.

ESTADO DE MINAS. Ranking dos 10 países com os maiores salários mínimos do mundo. Estado de Minas, jan. 2022. Emprego. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/emprego/2022/01/20/interna\\_emprego,1338917/ranking-dos-10-paises-com-os-maiores-salarios-minimos-do-mundo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/emprego/2022/01/20/interna_emprego,1338917/ranking-dos-10-paises-com-os-maiores-salarios-minimos-do-mundo.shtml) Acesso em: 20/11/2022.

GANDRA, Alana. Pesquisa do IBGE mostra enfraquecimento do mercado de trabalho em 2020. Agência Brasil, dez. 2021. Notícias. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-12/pesquisa-do-ibge-mostra-enfraquecimento-do-mercado-de-trabalho-em-2020>. Acesso em: 16/11/2022.

GERBELLI, Guilherme. LIMA, Bianca. No Brasil, 40% dos jovens com ensino superior não têm emprego qualificado. G1, ago. 2020. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/08/11/no-brasil-40percent-dos-jovens-com-ensino-superior-nao-tem-emprego-qualificado.ghtml>. Acesso em: 20/11/2022.

GOMBATA, Marsílea. FAGUNDES, Álvaro. Taxa de brasileiros que saem do país e não voltam é maior em 11 anos. Valor Econômico, abril 2022. Notícias. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/04/08/brasileiro-volta-a-buscar-no-exterior-uma-vida-melhor.ghtml>. Acesso em: 15/09/2022.

G1. Brasil fica mais pobre em 10 anos e tem mais da metade dos domicílios nas classes D e E. Valor Econômico, jan. 2022. Economia. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/01/23/brasil-fica-mais-pobre-em-10-anos-e-tem-mais-da-metade-dos-domicilios-nas-classes-d-e-e.ghtml>. Acesso em: 16/11/2022.

ITAMARATY. Comunidades brasileiras no exterior - estimativas referentes ao ano de 2020. Ministério das Relações Exteriores. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf> Acesso em 19/10/2022.

IBGE. Desemprego. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acesso em dez. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 12/10/2022.

IBGE. Perda na qualidade de vida é quase duas vezes maior nas áreas rurais. Agência IBGE, nov. 2021. Economia. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32331-perda-na-qualidade-de-vida-e-quase-duas-vezes-maior-nas-areas-rurais> Acesso em 10/10/2022.

IBGE. PIB cai 4,1% em 2020 e fecha o ano em R\$ 7,4 trilhões, mar. 2021. Estatísticas Econômicas. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30165-pib-cai-4-1-em-2020-e-fecha-o-ano-em-r-7-4-trilhoes>. Acesso em: 20/09/2022.

IBGE, PNAD Contínua. Rendimento de todas as fontes 2021. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101950\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101950_informativo.pdf) Acesso em: 05/10/2022.

IBGE. Produto Interno Bruto - PIB. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php#:~:text=O%20PIB%20do%20Brasil%20em,%24%202%20404%2C0%20bilh%C3%B5es>. Acesso em: 20/09/2022.

IBGE. Em 2018, PIB cresce 1,8% e chega a R\$ 7,0 trilhões. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, nov. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29375-em-2018-pib-cresce-1-8-e-chega-a-r-7-0-trilhoes>. Acesso em: 12/10/2022.

LAPA, Loyane. Salário mínimo: conheça os países que possuem as menores remunerações. Terra, jan. 2022. Economia. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/salario-minimo-conheca-os-paises-que-possuem-as-menores-remuneracoes,aa75b3c31900c3c7f91294f9ca00c6d13i83bpgu.html> Acesso em: 20/11/2022.

LARGHI, Natália. Está com nome sujo? Pesquisa mapeou perfil dos endividados e principais 'vilões'. Valor Investe, dez. 2021. Brasil e Política. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/12/08/esta-com-o-nome-sujo-pesquisa-mapeou-perfil-dos-endividados-e-principais-viloes.ghtml>. Acesso em 20/11/2022.

LIRA, Mylena. Com inflação alta, poder de compra do brasileiro é o pior dos últimos 5 anos. JC Concursos, jun. 2022. Notícias. Disponível em: <https://jconcursos.com.br/noticia/brasil/com-inflacao-alta-poder-de-compra-do-brasileiro-e-o-pior-dos-ultimos-5-anos-96830>. Acesso em: 12/10/2022.

LOPES, Leticia. Negativados já são 64 milhões no país. Brasileiros levam 10 meses para limpar o nome. O Globo, out. 2022. Economia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2022/10/com-divida-media-de-r-36-mil-negativados-levam-cerca-de-10-meses-para-limpar-o-nome.ghtml>. Acesso em 20/11/2022.

MAIA, Mateus. Em Londres, Bolsonaro vai a posto e compara preço de gasolina. Poder 360, set. 2022. Economia. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/em-londres-bolsonaro-vai-a-posto-e-compara-preco-de-gasolina/> Acesso em: 15/11/2022.

MATOS, Thaís. Em 5 anos, real perdeu 30% de seu poder de compra. G1, mai. 2022. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/05/04/em-5-anos-real-perdeu-quase-30percent-de-seu-poder-de-compra.ghtml> Acesso em 06/12/2022.

MOREIRA, Assis. Número de brasileiros morando no exterior nunca foi tão grande como agora. Valor Econômico, set. 2021. Notícias. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2021/09/03/numero-de-brasileiros-morando-no-exterior-nunca-foi-tao-grande-como-agora.ghtml>. Acesso em: 16/09/2022.

NAKAGAWA, Fernando. Número de brasileiros no exterior cresce e chega a 4,2 milhões. CNN Brasil, set. 2021. Notícias. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/numero-de-brasileiros-no-exterior-cresce-e-chega-a-42-milhoes/> Acesso em 15/09/2022.

NALIN, Carolina. 1% mais rico ganha 38,4 vezes mais renda do que os 50% mais pobres. O Globo, jun. 2022. Notícias. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2022/06/1percent-mais-rico-ganha-384-vezes-mais-renda-do-que-os-50percent-mais-pobres.ghtml>. Acesso em: 12/10/2022.

NITAHARA, Akemi. IBGE: 22 estados registram crescimento do PIB em 2019. CCN Brasil, nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/ibge-22-estados-registram-crescimento-do-pib-em-2019/>. Acesso em: 12/10/2022.

OIM Brasil, ONU Migração. Brasil - Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável. Acesso em out. 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf>. Acesso em: 09/11/2022.

O POVO. Sobe 165% número de pessoas que deixaram o Brasil definitivamente, entre 2011 e 2017. O Povo, jan. 2018. Notícias. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/01/sobe-48-6-numero-de-pessoas-que-deixaram-o-brasil-definitivamente-en.html>. Acesso em: 20/09/2022.

PAMPLONA, Nicola. Desemprego chega a 13,7% e já atinge 14 milhões de pessoas no Brasil. Folha de S. Paulo, abril 2017. Notícias. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1879416-numero-de-desempregados-ja-passa-de-14-milhoes-no-brasil.shtml>. Acesso em: 15/09/2022.

PENSSAN, Rede. 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Rede PENSSAN. 2022. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acesso em 10/10/2022.

PNUD Brasil. Desenvolvimento Humano - Relatório de 2021/2022. Tempos incertos, vidas instáveis: construir o futuro num mundo em transformação. Disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/global-report-document/hdr2021-22overviewpt1pdf.pdf>. Acesso em 10/10/2022.

PNUD Brasil. Relatório Anual - 2020. PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2021. Disponível em: <https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/migration/br/f48ba1fbcbeaa7d2eb69277d69d2e2ad6c4d5bfa9a94cf92469361b0f16e65b2.pdf>. Acesso em 10/10/2022.

REDAÇÃO G1. Salário mínimo: veja histórico dos últimos reajustes. G1, dez. 2021. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/12/31/salario-minimo-veja-historico-dos-ultimos-reajustes.ghtml>. Acesso em: 20/10/2022.

REDAÇÃO O ESTADO DE S. PAULO. Salário mínimo ideal para uma família deveria ser de R\$ 6.388,55, calcula Dieese. CNN Brasil, ago. 2022. Notícias. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/business/salario-minimo-ideal-para-uma-familia-deveria-ser-r-6-38855-calcula-dieese/#:~:text=O%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo%20ideal%20para,e%20Estudos%20Socioecon%C3%B4micos%20\(Dieese\)](https://www.cnnbrasil.com.br/business/salario-minimo-ideal-para-uma-familia-deveria-ser-r-6-38855-calcula-dieese/#:~:text=O%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo%20ideal%20para,e%20Estudos%20Socioecon%C3%B4micos%20(Dieese).). Acesso em: 20/10/2022.

RIVEIRA, Carolina. Alunos com Ensino Superior passam melhor pela crise, mostra estudo. Exame, nov. 2021. Notícias. Disponível em: <https://exame.com/brasil/alunos-com-ensino-superior-passam-melhor-pela-crise-mostra-estudo/>. Acesso em: 15/10/2022.

ROCHA, Rosely. 40% dos trabalhadores são informais no Brasil; no Norte são mais de 50%. CUT Brasil - Central Única dos Trabalhadores, ago. 2022. Notícias. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/40-dos-trabalhadores-sao-informais-no-brasil-no-norte-sao-mais-de-50-e3d9>. Acesso em: 20/10/2022.

ROCHA, Rosely. Mais de 4 milhões de jovens com ensino superior não têm emprego com direitos. CTU - Central Única dos Trabalhadores, fev. 2022. Notícias. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/mais-de-4-milhoes-de-jovens-com-ensino-superior-nao-tem-emprego-com-direitos-cb0c>. Acesso em: 16/11/2022.

SARAVALLE, Marco. Poder de compra: como a inflação contribui para a desigualdade social. O Estado de S. Paulo, mai. 2022. E-investidor. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/colunas/marco-saravalle/poder-compra-inflacao-desigualdade-social> Acesso em: 20/11/2022.

TORTATO, Giovanna. Perfil dos brasileiros que deixam o país mudou, mas razões para a saída seguem as mesmas. Gazeta do Povo, jan. 2020. Economia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/migracao-brasil-ricos-perfil/> Último acesso em: 28/11/2022.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação - mass media e paradigmas*. 5. ed. Editorial Presença, 1999.